

Autoridade da Sagrada Escritura e interpretação científica

Ervino Schmidt

É um fato que na Igreja cristã se está num constante diálogo com as Sagradas Escrituras na forma do Antigo e Novo Testamentos. Ninguém cogitaria seriamente em pregar sobre textos de Sócrates ou de Camões. Mas quando se passa a falar sobre a autoridade da Sagrada Escritura, então, sempre de novo, surgem dificuldades. E exatamente a partir da preocupação pela autoridade, muitas vezes, se tem receio quanto à interpretação científica da Bíblia. Como vemos, este assunto – muito discutido na década de sessenta – continua sendo de grande atualidade.

Numa primeira parte do presente estudo veremos que a Bíblia, como letra, importa somente porque nela está escondido o Espírito de Deus. Num segundo capítulo trataremos da importância e do limite da interpretação histórico-crítica do texto bíblico. Não será abordada a pergunta até que ponto cada método de interpretação (no caso o histórico-crítico) corre o perigo de estar a serviço de determinadas ideologias.

I – SUJEIÇÃO E LIBERDADE NO USO DA ESCRITURA SAGRADA

Ainda no tempo de Lutero era difícil o acesso direto à Bíblia. Na biblioteca da universidade de Erfurt, o Reformador, pela primeira vez, encontrou a Bíblia completa. Como preciosidade estava ela firmemente acorrentada, no verdadeiro sentido da palavra. Em 1538 ele recorda: "Trinta anos atrás ninguém lia a Bíblia. Os profetas eram desconhecidos e incompreendidos. Eu, por exemplo, aos vinte anos ainda não tinha visto uma Bíblia" (TR 3, 3767).

Lutero desacorrentou este precioso livro e o devolveu à cristandade. Isto de duas maneiras: Em primeiro lugar, dando ao povo a Bíblia na sua própria língua (se bem que já houvesse desde Carlos Magno tentativas para traduzir a Bíblia ao alemão). Em segundo lugar, e isso para nós é o mais importante, Lutero rompeu com o biblicismo legalista de sua época.

A Bíblia era, de modo geral, entendida como um livro que continha "ensinamentos divinos". Ela era, por assim dizer, a soma de todas as verdades que o cristão tinha que aceitar, que os estudiosos tinham que transmitir. Além disso, era entendida como livro de leis, tanto para o indivíduo, como também para a comunidade. A Bíblia prescrevia para os cristãos a forma de piedade e do comportamento prático. Seguimento a Cristo era compreendido como imitação. Isto tem suas implicações também no que diz respeito à sociedade toda. A Bíblia era transformada em um programa segundo o qual a sociedade medieval deveria ser modelada. G. Gloege descreve a situação com as seguintes palavras: "Usa-se a Bíblia, mas não se tem o verdadeiro diálogo com ela. Ela não somente está acorrentada, como também acorrenta os homens por meio de uma ótica bem específica"(1).

Aí Lutero reconhece que se deve deixar muito mais espaço para que a Bíblia venha a falar ela mesma, que se deve permitir que de fato todos aqueles homens separados da nossa realidade por séculos, possam verdadeiramente dizer o que têm a dizer. Apesar de toda diversidade de colocações que se pode constatar entre eles, encontram-se no fato de serem todos testemunhas das obras de Deus. A obra decisiva de Deus tem um nome: Chama-se Jesus Cristo. Para Lutero, Jesus Cristo tornou-se o que de fato é, a palavra personificada da graça de Deus que supera a palavra do juízo da lei.

Penso que se pode entender toda a dinâmica desta interpretação. Um real diálogo com Jesus Cristo é outra coisa do que obediência legalista. Trata-se aí de um encontro que promove verdadeira liberdade. A atitude certa, portanto, em relação à Escritura é o ouvir. No lugar de um biblicismo doutrinário está, assim, a experiência: através da Escritura ressoa a palavra viva de Deus. Não se pode ver a Bíblia como se fosse um compêndio de teorias dogmáticas, mas como sendo prédica que interessa a toda humanidade. Lutero ressalta que Jesus não escreveu livros e nem pediu aos seus discípulos que os escrevessem, mas que fossem para todo mundo, levar o Evangelho para todas as nações. Isto significa: A fixação por escrito da mensagem somente deve ser vista como uma medida de emergência (Notbehelf).(2)

A palavra, assim fixada, é o fundamento da Igreja. Desligada da palavra, esta não tem real existência. Isto é, a Igreja não pode existir por si mesma. Ela nasce e continua existindo enquanto Deus

1) Gerhard Gloege, *Freiheit und Bindung im Umgang mit der heiligen Schrift nach Luther in: Kerygma und Dogma*, 1976, pág. 240-241.

2) Cf. WA 10 I/1, 625ss.

se dá a conhecer. O que quero dizer é que a palavra de Deus fixada em palavras humanas continua sendo criadora. A palavra e a Igreja andam de mãos dadas, mas sempre nesta ordem: A palavra primeiro – a Igreja depois.

"Toda vida e substâncias da Igreja está na palavra de Deus". Para que não haja engano, Lutero acrescenta: "Falo não do Evangelho escrito, mas do proclamado... Quem ensina este Evangelho, este é papa, sucessor de Pedro. Quem não o ensina este Evangelho, este é Judas, o traidor de Cristo"(3).

Importa o contato vivo, não formas doutrinárias que são sempre uma abstração. **Importa o Evangelho que o livro veicula, não o livro em si.**

A Bíblia permanece lei aniquiladora enquanto é entendida como uma coletânea de prescrições. Evangelho vivificador ela é lá, onde dá ao pecador a liberdade de poder viver na presença de Deus. Aqui aparece algo da régia liberdade em que Lutero lida com a Bíblia. Para que fique bem claro: Não se trata de uma liberdade arbitrária. Antes, aquele que é o Senhor da Escritura, a conferiu. Disso Lutero, durante toda sua vida, não arredou pé.

Aos biblicistas que argumentam contra ele com versículos bíblicos isolados, ele responde com uma frase deveras arriscada: "Se os adversários jogam a Escritura contra Cristo, então nós jogamos Cristo contra a Escritura"(4).

Mas, não podemos faiar somente da liberdade em relação à Escritura. Queremos precisar um pouco mais em que consiste o comprometimento. Está claro que ele não é com a Escritura em si, mas com o Senhor vivo. Daí exatamente brota a liberdade em relação à Bíblia. Temos aí uma dialética que não pode ser dissolvida. A tentação de se isolar o elemento da liberdade é grande. Pode-se dar aqui o mesmo que, às vezes, acontece em relação à tese defendida pelo Reformador naquele escrito de 1520 que se tornou um dos mais conhecidos, refiro-me à pequena grande obra: "Da liberdade cristã" – Nela logo, após poucas palavras iniciais, seguem as duas frases lapidares: "Um cristão é senhor livre sobre todas coisas e não está sujeito a ninguém.

Um cristão é servidor de todas as coisas e sujeito a todos"(5). Lutero quis mostrar que nenhuma obra pode tornar o homem aceitável, mas que ele, muito pelo contrário, é justificado unicamente por graça,

3) WA 7, 720.

4) WA 39/1, 47.

5) M. Luther, *Da Liberdade Cristã*. (São Leopoldo, 1968), pág. 11.

somente pela fé. Não são as realizações do homem, nem as leis que ele cumpre, que o libertam. Em tudo isso, ele, no fundo, gira em torno de si mesmo, em torno de sua glória e de sua autojustificação. Livre, ele unicamente se torna ao reconhecer-se amado e aceito por Deus. E esta liberdade não significa que tudo lhe passasse a ser lícito. Por isso, a segunda frase: "O cristão é servidor de todas as coisas e sujeito a todos"! Como aqui, também a liberdade quanto à Escritura não é algo arbitrário. Por isso a dialética: liberdade e comprometimento. Por trás está a distinção (não a separação!) de Lei e Evangelho. Em relação à Bíblia devemos falar em letra e Espírito!

O Espírito de Deus não é um fantasma. Ele se liga à corporalidade do testemunho concreto, como o encontramos na Bíblia. "O Espírito está escondido na letra... A palavra de Deus escrita e, por assim dizer, soletrada e moldada em letras, como Cristo é a eterna palavra de Deus oculta na humanidade"(6).

Na mesma direção vão algumas colocações do corpo docente da Faculdade de Teologia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil por ocasião de um encontro com colegas do Seminário Concórdia. Eu cito: "Jesus Cristo é a palavra de Deus em sentido pleno e direto; a Escritura o é em sentido derivado, por dar testemunho de Jesus Cristo. Derivado não quer dizer secundário. A Escritura é o meio de revelação, Cristo, porém, o conteúdo. O objeto da fé cristã é Cristo, não a Escritura. A Escritura como palavra de Deus não pode entrar em concorrência com o próprio Cristo". A letra da Bíblia importa, somente, porque nela está escondido o Espírito, poderíamos dizer, o Espírito de Cristo. A palavra soberana de Deus assumiu forma de servo.

Resumindo: O cristão é livre no uso da Escritura porque está sujeito ao Espírito de Deus. Onde se desfaz essa dialética, cai-se num fanatismo ou num biblicismo.

II – IMPORTÂNCIA E LIMITE DA INTERPRETAÇÃO HISTÓRICO-CRÍTICA DA BÍBLIA

No meu entender essas concepções básicas de Lutero são mantidas na pesquisa histórico-crítica da Sagrada Escritura, como ela vem acontecendo no estudo de Teologia. Por meio da crítica textual, de um esmerado estudo filológico, da crítica literária, por meio da História e da arqueologia, dá-se o devido peso à humanidade e à historicidade da Bíblia ou, para falar com o Reformador, reconhece-se a "forma de servo" da mesma.

6) WA 48,31.

De grande auxílio para a compreensão da Sagrada Escritura também é a História das Formas. A pergunta principal deste ramo de pesquisa é: Onde as diversas partes da Bíblia têm o seu lugar vivencial na vida dos homens daquele tempo? No culto, na vida diária? No direito da época? Que situações, que interesses contribuíram para a formação de certos estilos e de determinadas formas? Está claro que hinos têm um outro poder de comunicação do que leis. Parábolas não são orações. Palavras de discussão têm outro caráter do que textos litúrgicos. Isto está bem dentro do que Lutero pedia, ou seja, respeitar a situação em que determinadas palavras foram ditas.

Como a pesquisa científica, exatamente neste particular, abriu os horizontes, expressa muito bem Klaus Koch em seu livro: "Was ist Formgeschichte?" Diz ele: "O teólogo que pergunta pela verdade das afirmações bíblicas, talvez se admire ou mesmo se escandalize em vista de uma tão forte ligação dos textos vétero e neotestamentários a determinadas formas. Isto tanto mais quanto a pesquisa das formas parece ser inevitável pressuposto para uma exegese correta. Até aqui ele (o teólogo) só tinha ouvido acerca de profetas, evangelistas e apóstolos. Agora ouve sobre macarismos (bem-aventuranças) e leis apodícticas (etc.) Os autores bíblicos parecem estar presos à modelos literários que já existiam antes deles. Um tal resultado é prejudicial à verdade desses textos? ou não se manifesta nessa multiplicidade das formas assumidas algo da amplitude da Bíblia? Não transparece aqui quão profundamente o falar divino assumiu linguagem humana? O dogma acerca da Bíblia como palavra de Deus que há séculos corre o perigo de ser petrificado, pode voltar a receber vida, a partir das considerações da História das Formas"(7).

Na liberdade que o Senhor da Bíblia confere, podem os homens investigar com todos os meios à sua disposição o que os autores bíblicos quiseram realmente dizer. Não se trata aqui de um estudo crítico destrutivo. Ao contrário! Quer-se evitar que opiniões, no momento em voga, sejam carregadas para dentro do texto e que se deixe de ser ouvinte atento. A preocupação é reduzir a um mínimo os nossos pensamentos e permitir que a Escritura mesma fale. Claro, muitas vezes, sem o quereremos, somos vítimas dos nossos próprios pressupostos. Mas isso só nos mostra que todo nosso refletir acontece à sombra da queda e que necessitamos sempre do perdão divino.

7) Klaus Koch, *Was ist Formgeschichte?* (Neukirchen-Vluyn, 1964), pág. XIII.

Até aqui temos acentuado a necessidade de tentarmos descobrir o que os autores bíblicos, em sua situação, queriam dizer concretamente. Uma outra tarefa é conhecer aquele a quem a mensagem deve ser dita hoje. É preciso conhecer os anseios e as perguntas do homem de nossos dias. Como se pode, por exemplo, atualizar o que Paulo falou sobre pecado para alguém que aparentemente não tem consciência de culpa; para alguém cujo problema talvez seja a fugacidade da sua vida, para alguém, portanto, que sofre com a sua finitude? Talvez diríamos que essa é uma preocupação falsa. Mas isso não elimina o fato de ser exatamente essa a sua preocupação! Se não procurarmos entender o endereçado, então poderá ocorrer que a nossa pregação responda a perguntas que não estão sendo feitas. Não quer dizer que a Bíblia tenha respostas prontas, mas o que mexe com o homem de hoje deve ser devidamente considerado. A boa vontade de Deus para com o mundo deve ser anunciada, mas de forma concreta. Se queremos proclamar que Deus dá ao homem a autorização de viver perante ele, como ser responsável e livre, devemos levar em conta toda a sua problemática humana, com suas virtudes e misérias. Mas, como chegamos a conhecer a realidade do momento atual? Bem, em primeiro lugar, não podemos esquecer que nós mesmos somos filhos do nosso tempo. Quanto menos nos isolarmos e quanto mais tivermos contato com outros, quanto mais observarmos o que hoje se canta nas paradas de sucessos, o que é apresentado na televisão e quais os temas prediletos na literatura, tanto mais saberemos quais os assuntos com que se preocupam os homens de hoje. Quem, nesse particular, preferir conceitos e análises precisas, terá que entrar em diálogo, principalmente, com a Sociologia e a Filosofia. P. Tillich fala em "método de correlação". Existem dois polos, dois fatores independentes, mas ao mesmo tempo correlatos e interdependentes. Trata-se da mensagem, por um lado, e da situação humana, por outro. Situação humana é o conjunto de interpretações do significado da existência e do destino do homem que uma determinada geração expressa através de formas de arte, de ciência, de política e de filosofia.(8)

Parece-me que na mesma direção também vai Carlos Mesters com uma comparação muito original. Ele fala de um operário que comprou uma televisão. O técnico que foi instalar o aparelho, explicou tudo: Os botões, os diversos canais, os programas, a posição melhor do aparelho, o funcionamento da antena, enfim, tudo! Só esqueceu de ligar o aparelho na rede elétrica. À noite o

8) Cf. Paul Tillich, *Systematische Theologie* (vol. I, Stuttgart, 5ª ed. 1977), pág. 73ss.

operário convidou seus vizinhos para participarem da inauguração. Chegou o momento tão esperado. Pediu silêncio e apertou o botão. Nada! Falou para seus convidados que isso seria normal. Demoraria um tempinho até vir a imagem. Esperaram mais um pouco e nada. Por fim, todos foram para casa, frustrados. Quanto à aplicação diz Mesters textualmente: "Assim pode acontecer com a explicação da Bíblia ao povo: Explicamos todas as coisas, fazemos uma instalação completa. Mas esquecemos de ligar a Bíblia na rede da vida.... O povo se ajeita nas suas reuniões, aperta o botão da Bíblia, mas nada acontece. Ficam olhando num aparelho mudo e sem imagem que não fala da vida. Estando a Bíblia ligada à rede da vida, a comunicação se fará e, dentro da comunicação que assim se estabelece, o povo irá descobrindo o sentido da Bíblia para a sua vida"(9).

Falamos de maneira bastante positiva do intento de nos aproximarmos da Sagrada Escritura com os meios científicos. Num primeiro momento enfocamos o instrumentário que nos permite descobrir o que os autores bíblicos realmente quiseram dizer em sua época. Num segundo momento voltamos a nossa atenção para o homem de hoje. Se é possível falar de maneira tão positiva, porque então a desconfiança em amplas camadas das nossas comunidades?

Talvez inclusive alguém dos nossos estudantes tenha sido prevenido por alguma alma piedosa do perigo de estudar tantas questões críticas e de cair nos "tentáculos de professores incrédulos."(10) De onde vem esses temores? Muitos se perguntam, porque, além da fé ainda é necessário recorrer a recursos da sabedoria do mundo. Às vezes tais perguntas partem de pessoas bem humildes. Temos que levar muito a sério as dúvidas da simples lavadeira, do pedreiro e do colono. Se não o fizermos, então algo está errado na nossa teologia. De onde, portanto, vem esses temores? Será que se fez experiências negativas na comunidade?

H. Thielicke(11) descreve uma situação que, conforme ele, se repete em triste monotonia em todos os lugares. Conta de um rapaz, inteligente e ativo que participa do grupo de jovens de sua comunidade. Ele teve a experiência de um encontro pessoal com Jesus Cristo e tem que comunicá-lo aos demais. Por isso, de tempos em tempos, assume uma devocional. Para a preparação ele usa o que encontra em termos de auxílio acessível. Talvez pergunte uma

9) Carlos Mesters, **Por trás das Palavras** (Petrópolis, 1977) 3ª ed., pág. 231.

10) Helmuth Thielicke, **Kleines Exerctium für Theologen**, (Hamburg, 1965), pág. 9.

11) Helmuth Thielicke, op.cit., pág. 11ss.

ou outra coisa a seu pastor. No mais, ele ora pedindo a Deus que lhe permita compreender e que não o deixe dizer alguma asneira. O que brota de uma fé tão espontânea só pode mesmo ser contagiante. Por isso atinge os jovens. Esse rapaz aguarda com ansiedade o seu futuro estudo de teologia. Alegra-se com a perspectiva de ingressar numa profissão que o colocará num contato mais íntimo com o que ele tanto ama. Quanto volta para casa após os primeiros semestres de estudo, ele está – ao menos na opinião dos seus antigos amigos – terrivelmente mudado. Escuta com certo desdém o estudo bíblico bastante leigo do jovem operário, seu antigo companheiro. No caminho de volta, após o estudo bíblico, expõe-lhe o que a mais recente investigação científica tem produzido a respeito de “mito”, “lenda” e crítica histórico-literária. Antes que seu amigo se pudesse recuperar do susto, ele o classifica e lhe diz: O que você acabou de apresentar era tipicamente pietista, ou você ainda não compreendeu o caráter forense da doutrina da justificação. Bem, quando após mais um semestre o nosso estudante volta outra vez para casa, é convidado, ele próprio, para fazer um estudo bíblico, pois o seu amigo de então agora se nega a expor sua ingênua exegese diante de ouvidos tão cultos. O estudante com ares de celebridade traz um aparato exegético considerável, mas somente oferece uma série de trivialidades sem vigor e sem entusiasmo.

É claro, aqui foi exagerado um pouco, mas será que muitas comunidades não fizeram experiências semelhantes? E se as fizeram, é compreensível que não dêem muito crédito ao estudo da palavra como é praticado numa faculdade de teologia. Descrevemos um jovem em determinado estágio, dentro de um processo de desenvolvimento. Trágico seria, porém, se tais sintomas permanecessem. No estudo da Bíblia é particularmente doloroso se alguém sente uma espécie de gozo de possuir. “Reconheci, aprendi, eu sei!” Conhecimento é poder. Amor, porém, é o oposto do desejo de possuir, de exercer poder, é entrega em humildade; jamais arrogância!

Mas, lamentavelmente existe algo parecido com uma “patologia da vaidade teológica”(12) E não somente jovens teólogos, mas também pastores com longa experiência podem sofrer dessa enfermidade espiritual. Quero apontar para o seguinte: Existe um falso uso da pesquisa histórico-crítica ali onde se persegue, como finalidade, a autopromoção, a promoção da razão humana. Aqui então não se trata mais da liberdade da qual falávamos anteriormente.

12) Helmuth Thielicke, op.cit. pág. 20ss.

Mas, deixemos essas eventuais experiências negativas de lado, essas objeções práticas. Além delas ainda se faz ouvir um certo ceticismo, baseado em princípios. Vejamos a pergunta: Por que deve haver, além da fé, uma ciência especial para protegê-la? Não seria soberbia pretender que somente mediante o auxílio de um estudo crítico das Escrituras se pode encontrar as bases sólidas, sobre as quais se fundamenta a fé? Não significa isso colocar a sabedoria do mundo acima da palavra de Deus? Esta questão está mal formulada, pois em momento algum deve ser nosso propósito apoiar a fé!, comprovar a fé! Mas, será que não se pergunta aí, no fundo, pelo "sola fide" e pelo "sola scriptura"?

Talvez se suspeite que estivéssemos querendo diminuir o risco da fé e que estivéssemos subordinando o "sola scriptura" a critérios humanos, como da racionalidade. Isso são perguntas que sempre de novo temos que fazer no nosso estudo. Elas devem acompanhar-nos o tempo todo! Mas o "sola scriptura" não pode ser desligado do "solus Christus" Assim, voltamos para a dialética que constatamos acima. Somente se não estivermos comprometidos com o espírito de Cristo, é que colocaremos a nossa razão como medida para todas as coisas, também em termos de interpretação da Sagrada Escritura. Então, sim, queremos nós garantir-lhe a autoridade. Mas onde aquele que verdadeiramente tem autoridade nos atinge, aí sabemos do real valor dos nossos métodos e também de suas limitações. Como exemplo para isso gostaria de citar o que o conhecido teólogo D. Bonhoeffer escreveu em uma carta do dia 27 de janeiro de 1936: "Eu havia começado o meu trabalho de maneira pouco cristã. Uma ambição pessoal, que muitos haviam notado, tornava a minha vida difícil. Depois aconteceu alguma coisa que mudou e transformou o meu viver. Pela primeira vez encarei com seriedade a Bíblia. Havia visto muita coisa acontecendo na Igreja, havia falado e pregado sobre isto, mas ainda não era cristão. Eu seu que, naquela época tirei vantagens pessoais da causa de Jesus Cristo. Eu não tinha nunca orado. Estava satisfeito comigo mesmo, cheio de autoconfiança. A Bíblia libertou-me de tudo isto, em particular o Sermão da Montanha. Então tudo mudou. Senti claramente e outros também sentiram, que algo havia mudado em mim: Uma imensa libertação"(13).

Alguém que dia após dia interpretava cientificamente as Sagradas Escrituras, confessa que durante muito tempo a Bíblia não lhe tinha realmente falado. Inesperadamente, porém, veio a "imensa

13) Dietrich Bonhoeffer, citado conforme Prócoro Velasques Filho em: *Uma Ética para os nossos dias* (Rudge Ramos, 1977), pág. 17.

libertação". A sabedoria humana não está acima da palavra de Deus. Nenhum método de interpretação pode "forçar" a manifestação do Espírito Santo. Devemos fazer tudo o que está ao nosso alcance em termos de elucidação e compreensão do texto bíblico, sabendo que não depende de nós e nem de nossa sabedoria, se ele vem a falar. Neste sentido somente a fé despertada através do Espírito Santo, isto é, por Deus mesmo, reconhecerá que a Bíblia é Escritura Sagrada, o livro dos livros, palavra de Deus. Aqui estão os limites para qualquer método de interpretação, mas é também aqui que brota a liberdade para a reflexão crítica.